LIBRARY OF PRINCETON
MAY 20 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BX1970.A1 L513

Revista gregoriana.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/revistagregorian7391inst

Revista GREGORIANA

[Nos. 37-38 unavailable] LAP

LIBRARY C.S.F.I.N.
JAN 20 1958
THEOLOGICAL SEMINARY

39

D. CIRILO FOLCH GOMES O. S. B.

São Pedro e São Paulo 2

Sermão de São Leão Magno sôbre o Natal de S. Pedro e S. Paulo 5

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT O. S. B.

Missa de S. Pedro e S. Paulo 9

D. JOÃO EVANGELISTA ENOUT O. S. B.

"Em seu caminho beberá da torrente" Sl. 109,7 18

D. TIMÓTEO AMOROSO ANASTÁCIO O. S. B.

Uma página de Santo Agostinho sôbre a oração 27

Falando de Liturgia
Um artigo de Gélineau sôbre o canto do povo 31

Livros em Revista 39

Maio — Junho — 1960 — Ano VII

REVISTA GREGORIANA

(Reg. n.º 864)
(Edição portuguesa da Revue Grégorienne de Solesmes
Diretores: D. J. Gajard e A. Le Guennant)

Sagrada Escritura — Canto Sacro — Liturgia — Espiritualidade.

ORGÃO DO

INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO

Diretor: D. João Evangelista Enout O.S.B.
Vice-Diretor: Irmã Marie-Rose Porto O.P.

RUA REAL GRANDEZA, 108 - BOTAFOGO - RIO - TEL. 26-1822

☆ — **Tudo que se refere à REDAÇÃO ou à ADMINISTRAÇÃO (assinaturas, mudanças de endereço, reclamações etc....) deve ser endereçado à Diretoria do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO. Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo, RIO DE JANEIRO.**

★ — **ASSINATURA ANUAL (Janeiro a Janeiro). — Por enquanto, tiragem bimestral. — Para o Brasil: CrS 120,00. — Para o Estrangeiro: CrS 200,00. — Número avulso: CrS 20,00. — Número atrazado: CrS 20,00. — Via aérea: CrS 200,00. Mudança de endereço: CrS 5,00, para a reimpressão da placa.**

★ — **A REVISTA GREGORIANA é enviada, por direito, aos Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO.**

☆ — **Os pagamentos são feitos por Vale Postal ou cheque, em nome da Diretoria do INSTITUTO PIO X — Rua Real Grandeza, 108 — Botafogo — Rio de Janeiro. (E' grande favor endereçar para a AGÊNCIA do CORREIO de BOTAFOGO). O cheque bancário pagável no Rio. Não se aceita Ordem de pagamento.**

☆ — **Inscrevam-se como Sócios do INSTITUTO PIO X DO RIO DE JANEIRO; serão sempre avisados sôbre tôdas as suas atividades (aulas de liturgia, conferências, Missas Cantadas, etc.) e do movimento gregoriano em geral; darão um grande auxílio à irradiação da Obra Gregoriana no Brasil. Esperamos de sua caridade a inscrição como:**

Sócio Titular — CrS 150,00 por ano;
Sócio Protetor — CR$ 200,00 por ano;
Sócio Fundador — CR$ 500,00 por ano;
Sócio Benfeitor — CR$ 1.000,00 por ano... ou mais.

☆ — **Assim também a Revista "PERGUNTE e RESPONDEREMOS". Assinatura: CrS 150,00, Via aérea CrS 200,00 — Para o Estrangeiro: CrS 200,00 — Número avulso: CrS 20,00 — Mesmo endereço acima.**

DEO NOSTRO SIT JUCUNDA DECORAQUE LAUDATIO.

O Felix Roma!

«Ó Roma feliz!
Consagrada pelo glorioso sangue dêstes dois Príncipes.
Revestida da púrpura de seu sangue, só com isso,
SUPERAS TÔDAS AS BELEZAS DA TERRA».

(Do hino das Vésperas dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo)

São Pedro

e

São Paulo

NA festa de S. Pedro e S. Paulo pensamos na vocação especialíssima dêsses dois Apóstolos.

O Senhor lhes entregou a tarefa de dirigirem os primeiros passos da Igreja nascida na Cruz e confirmada em Pentecostes. A obra de Cristo estava, naqueles albores, em suas mãos. E êles, sob a guia do Espírito Santo, souberam aproveitar o dinamismo dos rios de água viva que. destinados a recriar o mundo, jorravam do Calvário ainda recente, e nos legaram, além do retrato imperecível de uma Igreja primitiva exemplar pela estrutura, pelo espírito e pelo zêlo, o impulso de sua atividade sacerdotal e de seu ensinamento. Foram, realmente, os fundadores da Igreja, depois do Fundador Jesus Cristo, e ilustram, de um modo muito concreto, o princípio de que Deus costuma realizar os Seus planos providenciais através da colaboração das causas segundas. Deus compraz-se em ter ministros, que participem de Sua ação, não por necessitar dêles, mas para lhes dar a dignidade de colaborarem conSigo e para assemelhá-los mais a Si, o Bem que se difunde... E como não haveria o Verbo Encarnado de fazer que Sua Igreja fosse a expressão suprema dessa "lei" da Providência ? Eis porque enviou os Apóstolos aos homens, em prolongamento de Sua própria missão, e fêz dêles os operários do Reino, os edificadores da Jerusalém do alto.

Pedro ocupará um lugar preeminente na Cidade das pedras vivas. Depois do Cristo, que é a verdadeira Pedra Angular, será êle a rocha que impedirá a Igreja apostólica de sossobrar aos embates dos ventos infernais. Depois do Bom

Pastor, que deu Sua vida por suas ovelhas, será êle quem as apascentará e confirmará nos dias difíceis das primeiras perseguições.

Tudo isso por graça. Como Paulo, poderia Pedro dizer que pela graça de Deus era o que era. Pela graça de Deus Pai, que lhe deu perceber, antes dos demais discípulos, a divina essência do Filho do Homem. Pela graça de Jesus Cristo, que orou por êle, quando Satanás quís joeirá-lo como trigo, e que pressagiou o belo testemunho de sua velhice, quando estenderia as mãos, imitando a obediência do Príncipe dos pastores.

Junto de S. Pedro a liturgia vê sempre a São Paulo, o último dos Apóstolos, o convertido, o missionário, o Doutor das gentes, o "instrumento de eleição", tão humano, tão apaixonado, tão convicto, tão genial. O Paulo que não conheceu a Jesus na carne, mas que também foi testemunha da sua Ressurreição e, mais do que ninguém, nos revelou o significado dessa presença imorredoura do Cristo glorioso no Corpo da Igreja e na vida de cada um de nós.

A Igreja os comemora juntos porque vê neles os dois grandes Apóstolos de sua catolicidade, que, apesar de suas diferenças de temperamento, de formação e, em certo sentido, até de perspectiva, foram dirigidos pela Providência à mesma Roma dos Gentios. Lá deveriam morrer, ambos mártires, numa mesma perseguição. Por serem os tipos dos missionários, que o Senhor envia dois a dois aos lugares onde Êle não tardará em chegar.

Apresentamos a seguir um sermão de S. Leão Magno, pronunciado na solenidade dos santos Apóstolos, e que nos mostra o fervor com que era ela celebrada em Roma, no século V. Já, aliás, desde o século anterior vigorava a festa de 29 de Junho, conforme nos atesta, por exemplo, Santo Ambrósio. Os romanos consideravam nacional a data, "Natalis Urbis", isto é, o dia em que Roma foi verdadeiramente fundada para o Reino de Cristo. Ao tempo de São Leão recordava-se ainda a libertação da cidade do assalto dos Vândalos de Genserico, ocorrida precisamente na vigília de S. Pedro e S. Paulo, depois de um saque de três semanas, ao qual não haviam escapado nem edifícios públicos nem casas particulares. Aliás, fôra graças à intervenção de S. Leão junto ao chefe bárbaro que o episódio se resumira no saque e não

causara derramamento de sangue. Em ação de graças pela libertação da cidade, S. Leão instituiu uma solene cerimônia anual em honra dos Apóstolos padroeiros, e conserva-se na coleção de seus sermões um no qual o Pontífice censura os romanos por terem preferido certa vez acorrer aos espetáculos extrardinários do circo em vez de assistirem ao rito de ação de graças.

No sermão que aqui transcrevemos, e que, pelo teor e pelo estilo em nada fica a dever aos mais célebres do Santo Doutor, desenvolve-se principalmente êsse tema da particular razão que tem Roma para celebrar os dois Apóstolos cujos túmulos gloriosos abriga. E' salientado o primado de S. Pedro e de sua sede, atribuindo-se a uma especial providência divina o encaminhamento do Apóstolo à capital do mundo, adrede preparada para a difusão rápida e universal da mensagem evengélica. São mencionados breves traços da biografia de S. Pedro, principalmente, e o martírio de ambos os Apóstolos sob a perseguição de Nero. Ao enaltecer a corôa de mártires que se lhes seguiram, imitando seu exemplo de fé e coragem, S. Leão parece ter em mente o elogio análogo feito, no fim do século I.º, pelo Papa São Clemente (Ep. aos Cor. I,6); "aos santos varões (Apóstolos)... uma ingente multidão de eleitos se acrescentou, os quais, por seu zêlo em suportar muitos suplícios e tormentos, nos ficaram como o mais excelente dos exemplos". Por fim encontramos a célebre comparação dos Apóstolos aos dois olhos que iluminam a face da Igreja.

Em síntese, estamos diante de um documento precioso quer do ponto de vista teológico, quer do litúrgico e histórico, quer do literário.

SERMÃO de São Leão Magno

Sôbre o NATAL de

S. Pedro e S. Paulo

E' de todo mundo, caríssimos a participação nas solenidades sagradas, não há dúvida, pois a piedade de uma mesma fé requer sejam comemorados com júbilo comum os fatos que pertencem à salvação universal. A festa de hoje, porém, além da reverência geral que merece, deve ser celebrada em nossa cidade de um modo particular: é preciso primar na alegria o lugar de onde partiram gloriosamente os dois principais dentre os Apóstolos. Eles são os homens, ó Roma, por meio dos quais vêio resplender para ti o Evangelho de Cristo; são êle os que te fizeram de antiga mestra de todos os êrros a discípula da verdade. São êles os teus santos pais, teus verdadeiros pastores, os que te inscreveram no Reino dos céus, fundando-te de um modo muito melhor e mais feliz do que aquêles outros dois que te deram os primeiros alicerces e dos quais um te maculou com o crime do fratricídio. São êles os que te trouxeram a esta glória em que te achas, de nação santa, de povo eleito, de cidade sacerdotal e régia, tornada, por causa da séde do bemaventurado Pedro, a capital orbe, destinada a mais amplamente

presidir ao mundo em virtude de tua religião divina do que do teu poderio terreno. Porque embora muito tenham protaido teu império as vitórias na terra e no mar, menos foi o que trouxeram os labores da guerra do que a paz cristã.

Com efeito, Deus, o Deus bom, justo e onipotente, que jamais negou Sua misericórdia ao gênero humano mas sempre se deu a conhecer aos mortais pela abundância de Seus benefícios, soube compadecer-se, num desígnio ainda mais profundo e da mais alta piedade, da cegueira voluntária e da maldade aviltante dos pecadores, e enviou-lhes Seu Verbo, igual e coeterno conSigo, o qual, fazendo-se carne, unia a natureza divina à humana, de modo a que o abaixamento extremo daquela resultasse em nossa exaltação suprema. E para difundir pelo mundo inteiro o efeito dessa graça inefável, preparou, em Sua divina providência, o reino de Roma, estendendo-lhe os limites e fazendo-o avizinhar-se assim da totalidade das nações. Convinha, realmente, à obra planejada por Deus, que os muitos reinos se confederassem num único império, para prontamente se tornarem permeáveis à pregação geral os povos mantidos pelo regime de uma única cidade.

Esta, porém, enquanto ignorava Aquele que era o verdadeiro Autor de sua crescente extensão, servia aos êrros dos inúmeros gentios que retinha sob seu domínio, e se considerava grande na religião justamente pelo fato de jamais haver rejeitado uma que fosse das falsas doutrinas. Mas assim, tanto mais admiràvelmente seria liberada por Cristo a cidade que tão tenazmente estava enredada pelo demônio.

De fato, quando os Apóstolos assumiram o encargo de evangelizar o mundo e se distribuiram pelas várias partes da terra, depois de terem recebido do Espírito Santo o dom das línguas, o bemaventurado Pedro, o príncipe da ordem apostólica, dirigiu-se para o Império Romano, afim de irradiar mais eficazmente, da capital ao restante do mundo, a luz da verdade revelada em prol da salvação de tôdas as gentes.

Pois de que nações não haveria então cidadãos em Roma? E que povos haveriam de ignorar o que Roma aprendesse? Seriam aqui humilhadas as opiniões da filosofia, aqui dissolvidas as vaidades da sabedoria terrena, seria aqui refutado o culto dos demônios, aqui destruida a impiedade de todos os sacrifícios, pois aqui se haviam concentrado, com supersticiosa diligência, todos os êrros instituidos alhures.

Não temes, portanto, ó bemaventurado Pedro, endereçar-te para esta urbe, e enquanto Paulo, o Apóstolo companheiro teu na glória, se ocupava ainda com outras Igrejas, soubeste entrar nesta selva de feras, neste oceano de turbulentíssima profundeza, com maior intrepidês do que quando caminhaste, outrora, sôbre as águas (1). Não temes Roma, a senhora do mundo, tu que na casa de Caifaz te deixaste intimidar pela criada do sacerdote. Acaso seriam menores, o poder de Cláudio ou a crueldade de Nero, do que o julgamento de Pilatos ou a ferocidade dos judeus?

O que na verdade vencia as razões do temor era a fôrça de teu amor. Tu não podias julgar temíveis os que receberas para amar. Já havias formado em teu coração êste afeto de caridade audaz quando o mistério daquela tríplice interrogação do Senhor consolidara tua profissão de amor (2). Nem então outra coisa se requeria de tua intenção senão que apascentasses as ovelhas daquele a quem amavas, com o alimento de que tu mesmo te nutrias.

Ademais, quantos sinais portentosos, quantos dons carismáticos, quantas demonstrações de virtude já te podiam aumentar a confiança! Já tinhas ensinado aos povos que, provenientes da circuncisão, abraçaram a fé; já tinhas fundado a Igreja de Antioquia, onde pela primeira vez despontou o digno nome de cristãos; já tinhas guarnecido com as leis da pregação evangélica o Ponto, a Galácia, a Capadócia e a Bitínia; e não era, por isso, nem duvidando do êxito da obra nem ignorando a extensão de tua idade que introduzias o troféu da cruz de Cristo nas fortalezas romanas, onde te esperavam, por divina disposição, tanto a honra do poder como a glória da paixão.

E associou-se a ti Paulo, teu co-apóstolo, instrumento escolhido (3) e mestre especial dos gentios, acorrendo também êle a Roma naquele mesmo tempo em que tudo o que era inocência, pudor e liberdade padecia sob o império de Nero, cujo furor inflamado pelo excesso de todos os vícios, já o precipitava àquela torrente de insânia da primeira perseguição geral ao nome cristão. Como se pela morte dos santos a graça de Deus se pudesse extinguir! Para éstes, ao contrário, isso era o máximo dos ganhos, pois desprezando esta vida caduca adquiririam a felicidade eterna.

---

(1) Mt 14,30.
(2) Jo 21, 15-17.
(3) Act 9,15.

É preciosa, sim, a sua morte, aos olhos do Senhor; nem pode ser destruida por gênero algum de crueldade a religião fundada pelo sacramento da cruz de Cristo. A Igreja não diminúi pelas perseguições, mas ao contrário cresce; e o campo do Senhor se reveste de seara mais copiosa quando germinam multiplicados os grãos um a um tombados. É esta a razão porque são milhares os mártires a protestarem quão grande descendência fizeram nascer êstes dois preclaros germes da semente divina; e com êsses inúmeros mártires, êmulos do triunfo dos Apóstolos, cercou-se nossa urbe de povos purpúreos e rútilos, a coroarem-na com um diadema ornado das mais honrosas gemas. O seu patrocínio, caríssimos, que Deus preparou para nós, em exemplo para nossa paciência e em confirmação para a nossa fé, é, sim, motivo de alegria para nós, na comemoração genérica de todos os Santos, mas em honra dos nossos dois patriarcas, escolhidos pela graça de Deus para ocuparem, entre os demais membros da Igreja, um cume tão alto, quais os luzeiros de dois olhos gêmeos, em honra dêles com maiór júbilo ainda devemos regozijar-nos! Seus méritos e virtudes excedem qualquer palavra e nada julguemos neles diverso ou maiór, pois foram pares na eleição, semelhantes em seus labores e iguais em seu fim.

E segundo o que nós mesmos já experimentámos e nossos antepassados comprovaram, cremos e confiamos ser sempre ajudados pelas orações dêstes especiais padroeiros, em todos os trabalhos desta vida, para assim obtermos a misericórdia de Deus e sermos reerguidos da depressão de nossos pecados, pelos méritos dos Apóstolos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem pertence, com o Pai e o Espírito Santo, um único poder, uma divindade, pelos séculos dos séculos. Assim seja.

MISSA

de

S. PEDRO

e

S. PAULO

MISSA DE S. PEDRO E S. PAULO

Nas linhas que se seguem pretendemos percorrer as três principais peças da Missa de São Pedro e São Paulo (Introito, Gradual e Ofertório), procurando indicar para cada uma delas a linha geral e principalmente os matizes e detalhes de interpretação tradicional, à luz dos manuscritos.

O Intróito "Nunc Scio" (3.º *modo*)

Se cometêssemos a imprudência em matéria de interpretação gregoriana, de considerarmos antes de tudo e separadamente as palavras dêste Intróito, por essa vez, não nos enganaríamos sôbre a interpretação geral da peça. Com efeito os Atos dos Apóstolos referem as palavras de São Pedro comentando consigo mesmo o mistério maravilhoso do poder de Deus, libertando-o milagrosamente das mãos de Herodes. O simples e velho pescador, está passando nos últimos tempos de sua existência por vicissitudes inimagináveis. A graça e os milagres o reconfortam ante o pêso tremendo da gloriosa vocação.

Por ocasião dêste último episódio, a intervenção do anjo libertando-o das algemas e da prisão deu-lhe a impressão de um sonho; verifica porém o apóstolo a realidade da maravilha operada pelo poder de Deus e medita interiormente consigo mesmo: "Nunc scio vere": "Agora sei verdadeiramente que mandou o Senhor um Anjo e libertou-me de Herodes e de tôda a espectativa do povo judeu" (Atos 12,11).

São Pedro contempla a bondade de Deus, sentindo concretamente a fôrça salvadora do Senhor em um fato de sua própria vida. O "Nunc scio vere" dá-nos pois nítidamente não uma idéia de exuberância, de louvor externo e entusiástico, mas de louvor interno, meditativo, de constatação íntima, cheia de ação de graças.

A estrutura musical da peça confirma devidamente essa idéia. A sua linha, de princípio ao fim, é de uma narrativa sem arroubos, simples, interior e meditativa. De um modo geral os neumas são leves indicando um caminhar rítmico leve, quase sem tocar, ligado e caminhando sem apoios fortes.

Dentro desta linha simples e leve de caminhar com a voz bem a flôr dos lábios, pode-se destacar em cada uma das 3 frases um ou outro ponto mais expressivo indicado pelos neumas.

Assim, na primeira frase: "Nunc scio vere quia misit Dominus Angelum suum" a melodia sobe simples e leve em narrativa sem expressividade especial. As palavras "Ange-

lum suum" são as mais expressivas enquanto três sucessivos apoios sôbre o "sol" preparam a cadência em "mi" (deuteros). O primeiro "sol" da virga pontuada de Angelum é repetido em nova arcada na nota prolongada do salicus depois de um fa bem arredondado; o 3.º apôio sôbre sol é o do pressus de "suum" depois de um la-sib também arredondados.

Na segunda frase: "et eripuit de manu Herodis" apenas a palavra "eripuit" ganha um pouco de expressão, graças ao salicus, dentro da simplicidade e leveza da frase, construída tôda de neumas ligeiros.

Por fim a terceira frase apresenta os seguintes pontos a notar: a palavra "omni" é ornada de um podatus longo e com liquescência aumentativa; na palavra "expectatione" a bivirga episemática do *dó* deve ser bem preparada pelo sol imediatamente anterior também expressivo; a palavra "plebis" é um caso de desagregação da primeira nota de um neuma, que serve como ponto de apoio e de eclosão de neumas ligeiros. Assim o sol que aparece na semiografia Vaticana como primeira nota de um podatus é realmente uma nota destacada, longa, que desabrocha em dois climacus levíssimos (celeriter). Um bom apôio, portanto, no sol que coincide com o acento tônico, desencadeia um belo melisma, leve e ligadíssimo, como se fôsse um só neuma de 8 notas que por fim se apoia no ré, atacando logo com calor os dois neumas longos de Judaeorum. Êstes, entretanto, ao conduzir à clivis final, não deixam de intercalar um neuma leve e bem ligado sôbre a penúltima sílaba. Os últimos neumas longos estão bem assinalados no texto com episemas. O salmo solene no 3.º modo com a tristrofa final da primeira parte breve mas sustentada; na segunda parte, caminha-se sem precipitação para as notas longas sôbre a corda de recitação. Retomando o Intróito fazê-lo piano, sem perder o pulsar do movimento que é leve e fluído.

O Gradual "Constitues" é um dos 44 graduais antigos, dentre os 70 graduais que possui o repertório, construídos no 5.º modo; é ainda um dos 9 que têm a primeira parte original, usando uma outra fórmula (entoação, final) que se tornou típica e repetida em outras peças. Daí se segue que excetuando um ou outro pequeno trêcho em que a melodia foi composta precisamente para aquela palavra que temos diante de nós, integrando-se palavra e melodia num só ser, a peça em sua linha geral deve ser interpretada tendo-se em vista principalmente a música. Esta é caracterìsticamente do

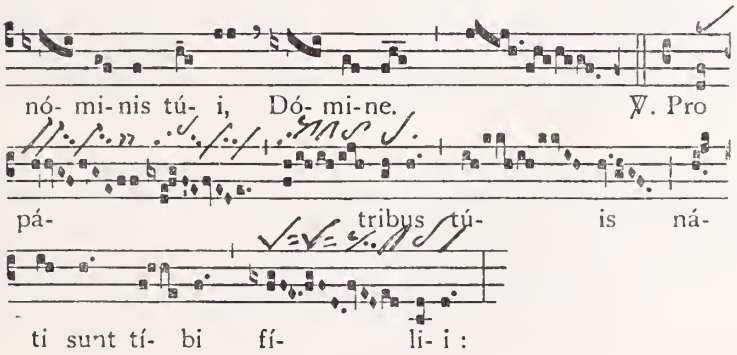
5.º modo: sonora, viva, com muito movimento, considerando-se porém os matizes expressivos que passamos a examinar.

A entoação "Constitues" é robusta e bem apoiada nas duas bivirgas episemáticas sôbre o fá e o sol entre as quais o porrectus ligeiro faz com que o canto não se arraste. Em "principes" há também uma alternância de neumas longos e leves — êstes seriam o podatus sôbre la; o sôbre sol e as primeiras notas re mi do torculus — terminando numa cadência de neumas longos semelhantes aliás à do fim dessa mesma frase. O ataque a "super" recebe nova vida não só em virtude de uma exigência melódica ou modal — a dominante é pela primeira vez atacada — como pela expressão dos neumas; já "omnem terram" é lançado em neumas ligeiros, caminhando levemente o canto para a virga pontuada em ré que ecôa no podatus leve, caindo contidamente bem "inferius", no fa longo, partindo então da tônica em ligado perfeito uma cadência longa, arredondada no pousar do pressus e muito sentida.

Na segunda frase, "memores erunt" é quase todo longo, com apoios de arcadas bem marcados no dó da clivis, no si quilismático, de novo no dó do podatus, pousando levemente na tesis do la depois de três notas ligeiras e logo se prepara em crescendo a nota longa do salicus com duas notas bem expressivas e destacadas: sol-la. "Nominis" é ornado por um porrectus e clivis celeriter, figura que se repete em Domini com o intermezzo muito expressivo de "tui" todo longo. O torculus longo da última sílaba cresce e conduz para o neuma ligado e leve do último inciso que fecha o gradual com leveza e decrescendo, pousando-se a voz docemente e ligado no pressus e ponto final, brotando êste daquêle.

O verso "Pro patribus" tem que ser levado num vôo levíssimo que paira acima de qualquer materialidade. As vozes precisam estar completamente sôltas, livres de qualquer freio ou pêso, estar realmente preparadas para exprimir a leveza que os neumas nos indicam. O podatus de "Pro" já é ligeiro, o acento tônico de "patribus" se exprime na bivirga episemática que aparece no texto impresso, depois vôa-se. Multiplicam-se os "celeriter" nas clivis e os trigons quase fluídos nas culminâncias. A virga pontuada sôbre o do resolve-se no neuma levíssimo que se segue. Em "Nati sunt tibi", nota-se o neuma longo sôbre o primeiro acento tônico e a nota la destacada apoia o acento de "nati", resolvendo-se na leveza de um trigon, preparando o ponto alto em expressividade gregoriana dêsse versículo que está na palavra "filii".

Essa expressividade se apresenta através da repetição de uma figura neumática longa sôbre a sílaba tônica: podatus longo e duas notas destacadas. Essas duas figuras de 4 notas devem ser cantadas com todo o calor de voz, sentidamente e se resolvem numa série de neumas leves que terminam a frase. Os dois primeiros dêstes neumas leves: climacus celeriter e clivis constituem uma figura que aparece bastante freqüentemente no repertório para resolver neumas longos de muita expressão. Os cantores devem pois estar preparados para essas mudanças freqüentes de movimento, de apoio e leveza, de intensidade, que a arte gregoriana exige dentro de um ambiente de serenidade, de simplicidade, sem nada de teatral. A peça continua e sua última frase retoma o movimento ligeiro depois do podatus inicial que é apoiado e vai voando sempre, apenas com um pequeno "tenete" na última sílaba de "confitebuntur"; cresce em "tibi" e termina sempre com muita leveza, ligando muito os últimos neumas do último inciso, diminuindo apenas a voz e pondo levemente a final. Por essa maneira levíssima de conduzir o versículo e de terminá-lo advinha-se o belíssimo efeito de retomar-se, à maneira de responsório, o Gradual em tôda a sua solene expressividade. Do exame do versículo nota-se que as duas palavras de maior expressão literal do texto são "patribus" e "filii" e são também as de mais especial ornato melódico — expressivo como o provam os neumas manuscritos: levíssimos em "pátribus" depois da bivirga do acento tônico e longas e cantantes resolvendo-se em leveza na palavra "filii".



O ofertório "Constitues" no 3.º modo, tendo quase que integralmente as mesmas palavras do Gradual acima, é uma peça bastante diferente dêste. É uma peça de grande unidade de construção rítmica, menos sonora e vistosa que aquêle, de uma beleza mais profunda e mais difícil, mas que compensa plenamente quando encontrada. Não admite mudanças de movimento ou de interpretação para frases inteiras, não, as mudanças de matizes entre levezas e apoios alternam-se quase neuma por neuma de onde ser mais árduo comentá-la por escrito e maior atenção ser exigida na execução, pois mal preparada e mal compreendida em suas finezas esta peça nada significará. A tanto exige o nosso canto. A entoação ganharia em ser feita por todos para não se interromper a frase que é lançada com dois bons apoios: o 1.º num podatus longo de 4.ª. e a nota pontuada que desabrocha em três neumas ligeiros. O podatus do "eos" é também apoiado: são duas notas desagregadas seguidas de neumas muito ligeiros, levíssimos mesmo, que ornam o final do inciso e a palavra "principes", apenas contidos um momento pela clivis, la-sol, com episema, que prepara a cadência antes da meia barra, assim como outra clivis la-sol (formando pressus com o torculus anterior) já fizera a cadência do inciso. O podatus de "super" é apoiado e a clivis longa de "omnem" encabeça um movimento ligado que enfeixa as 6 notas seguintes até a nova clivis longa, acrescida de uma nota liquescente da sílaba final (aparece no texto como porrectus com episema). Por fim "terra' tem a primeira nota, o sol, posto em destaque continuado por um porrectus algo contido com liquescência, antes de colocar a tesis final da frase. Como se vê, a frase se compõe de apoios episemáticos, que se espandem em pequenos vôos leves, caindo em novo apôio para recomeçar nova arcada com notas ligeiras e ligadas e assim até o repouso da tônica. Na frase seguinte continua êsse suceder-se de movimentos diversos estritamente exigigido pela diversa natureza dos neumas.

Em "memores" a tristrofa é leve apoiando-se na clivis com episema que prepara a subida leve do torculus, apoia-se de novo agora no sol pontuado que é nota desagregada do torculus leve imediato, caindo de novo em clivis longa com torculus leve; temos assim três torculus ligeiros que são lançados em vôo por três respectivos apoios. Resolve-se o último movimento leve no apôio do salicus que, por sua vez, lança a entoação leve de "nominis"; os dois podatus de quar-

ta são bem apoiados seguidos de neumas ligeiros. A repercussão não íctica de tui é muito leve, seguido de três notas descendentes que entretanto devem ser levadas em crescendo intensivo e alargando para preparar o quilisma seguinte e os neumas que vão encerrar a frase, sem porém dar-lhe um acabamento, pois a clivis final la-sol não pode esconder ou melhor, deve deixar antever o que se vai seguir; a própria pausa deve ser feita de modo que a frase seguinte seja antes uma continuação que um início.

Na frase "in omni progenie et generationi" nota-se uma série de três torculus em que o primeiro, longo e vibrante num estrito ligado, lança os dois outros leves e diminuindo, estabelecendo o contraste dos grupos ternários leves com a nova entoação de dois podatus longos de quarta "embriqués" dilatando a melodia de uma sétima. Êsses dois neumas robustos e apoiados conduzem a uma distrofa leve, em dó, seguida de repercussão não íctica, como já tivemos em "tui", na frase anterior, sendo que agora a cadência em sol antecipa-se, suprimindo os melismas; é que estamos apenas no meio da frase e o que vem dará o acabamento à peça, não sem uma certa surprêsa de modalidade. "Generatione" apresenta três apoios de lançamento rítmico e melódico: o primeiro no salicus continuando nas duas notas longas (ou podatus longo em outros ms.) que antecedem o porrectus e cai-se em novo apoio no podatus quadrado mi-fa e no sol pontuado e la antes do quilisma; segue-se um pequeno vôo ligeiro de climacus e torculus sendo que a última nota dêste e as duas descendentes que a seguem já são longas. A tristrofa e uma virga antecedem o final todo longo. As três notas longas sol-fa-mi são um eco das notas longas do fim do inciso: la-sol-fa, sendo que agora lança-se o mi como sugestão de tônica. As duas clivis longas, a virga e o pressus final bem apoiado firmam a cadência final em deuterus, que pela primeira vez aparece em tôda a peça e realmente sem ser muito esperada. Sem ser tão surpreendente como a final do Ofertório Institiae (3.º Domingo da Quaresma), êste o é bastante, pois fixa no 3.º modo uma peça que-malgrado a incerteza dos conhecimentos de modalidade que os estudiosos ainda não conseguiram dissipar — não parece ser estruturada no 3.º modo, ao menos se olhamos para suas cadências intermediárias.

* * *

Eis pois uma bela peça (1) que dentro do quadro desta festa dos dois grandes Apóstolos nos faz viver com grande intensidade de espírito de louvor os mistérios do plano divino de nossa salvação, na Igreja, edificada sôbre a pedra, sôbre as colunas constituídas por Deus para tôdas as gerações, até a consumação dos séculos.

---

(1) O Gradual e Ofertório desta festa de 29 de junho foram adaptados muito fielmente e com relativa felicidade aos textos do Gradual e Ofertório da festa da SSma. Trindade.

PALAVRAS DE SÃO PEDRO A JESUS...

— Senhor, confiado em vossa palavra, lançarei a rêde! Lc. 5,5.

— Senhor, retirai-vos de mim pois sou um pecador. Lc. 5,8.

— Se sois vós, Senhor, ordenai que eu me aproxime caminhando sôbre as águas! Mt. 16,28.

— Senhor, salvai-me! Mt. 14,30.

— A quem iremos, Senhor, tendes as palavras da vida eterna. Jo. 6,69.

— Cremos e sabemos que sois o Cristo, Filho de Deus Vivo. Jo. 6,70.

— Sois o Cristo, o Filho de Deus Vivo. Mt. 16,16.

— O mundo todo vos procura. Mc. 1,37.

— Não me lavareis os pés jamais! Jo. 13,8.

— Então, Senhor, não sòmente os pés, mas também as mãos e a cabeça. Jo. 13,9.

— Que Deus, não o permita, Senhor! Não, isso não vos acontecerá. Mt. 16,22.

— Por que não poderei seguir-vos agora? Darei minha vida por vós. Jo. 13,37.

— Senhor, estamos bem aqui. Façamos três tendas: uma para vós, uma para Moisés e uma para Elias. Mt. 17,5.

— Nós mesmos, deixamos tudo e vos seguimos; que será de nós, que receberemos? Mt. 19,27.

— Senhor, estou pronto para seguir convosco, para a prisão ou mesmo para a morte. Lc. 22,33.

— Ainda que fôsse preciso morrer por vós, não recuaria. Mt. 26.35.

— Senhor, vós que sabeis tôdas as coisas, sabeis que eu vos amo. Jo. 21,15,16,17.

PALAVRAS DE SÃO PAULO A JESUS...

— Quem sois vós, Senhor? At. 9,5.

— Senhor, que quereis que eu faça? At. 9,6.

Senhor, nêste dia que santificastes
Pelo martírio de São Pedro e São Paulo
Dai à Vossa Igreja a graça
De seguir em tudo os ensinamentos dêsses Apóstolos
Pelos quais a Religião teve seu início
Por Cristo Nosso Senhor!

(Oração da Missa de S. Pedro e S. Paulo)

EM SEU CAMINHO BEBERÁ DA TORRENTE *Sl. 109,7.*

Os três últimos versos do Salmo 109 podem ser considerados como uma descrição profética da definitiva efetivação do oráculo que faz do Messias um Rei vencedor dos povos; vencedor e dominador de todos os inimigos, como já o declara o primeiro verso do Salmo. Trata-se de uma alegoria belicosa como convém a um canto composto durante um reinado de um guerreiro como Daví. Sabemos como as conquistas guerreiras dêsse eleito de Deus que guerreou desde a infância — era um menino de funda em punho diante do Gigante Golias — até a velhice, foram mais de Javé que suas. O Senhor se compraz em derrotar os inimigos de seu povo quando o chefe eleito sabe ser humilde, sabe consultar a sua vontade: Javé, que devo fazer diante dêsses filisteus, dêsses amonitas? Sabe o rei implorar o auxílio de Deus, para não ser dizimado, se abandonado às próprias fôrças. O Rei guerreiro, feito agora cantor do Reinado e do Sacerdócio do Messias, seu descendente e Senhor, pinta-o como guerreiro que vencerá definitivamente os inimigos, sim, mas também Êle o conseguirá apoiado nos braços do Senhor. Assim, se verifica já no primeiro verso, como dissemos acima, "assenta-te à minha direita enquanto reduzirei (eu, o Senhor) teus inimigos a escabêlo de teus pés". Assim também nêsses versos finais que podem constituir uma espécie de terceira parte

do Salmo onde se narra a luta vitoriosa do Messias, não sem o braço de Adonai, o Senhor. (1)

III. Efetivação do domínio do Messias, Rei e Sacerdote

5. À tua direita está o Senhor
esmagará os reis no dia de sua cólera.
6. Julgará as nações: cadáveres em profusão.
Esmagará cabeças sôbre a terra extensa
7. Em seu caminho beberá da torrente,
eis por que reerguerá a cabeça.

Diversamente do que é dito no oráculo inicial :"Dixit Dominus Domino meo, sede a dextris meis", aqui é o próprio Adonai, é o Senhor que desce de seu trono e se coloca à direita do Messias, como que a guiá-lo, a protegê-lo no grande e definitivo combate contra os inimigos que êle vai subjugar. Mais que isso, nêste verso 5 é o Senhor mesmo que esmagará os reis no dia de sua cólera, como os porá mo que esmagará os reis no dia de sua cólera, como os porá como escabêlo dos pés do Messias que aí passa a reinar à sua direita. S. Jerônimo vê nesta troca, nesta reciprocidade de direitas apenas uma maneira de dizer que o Filho é igual ao Pai. (2) Êsses reis que serão esmagados no dia da justiça, que é o dia da ira santa de Deus, sao aquêles que encarnam a soberba dos principados do mundo, aquêles de que fala o salmo 2: "Erguem-se os reis da terra e os príncipes reunem-se em conselho contra o Senhor e contra o seu Ungido". (3) O Senhor e seu Ungido destróem êsses reis e reinam sôbre suas cabeças esmagadas, é o que nos dirá o versículo seguinte.

O verso 6 fala de um julgamento que, segundo o sentido pleno do verbo hebraico, inclui também uma condenação e um castigo. (4) É o que acontecerá com os senhores da terra que se insurgem contra o verdadeiro Senhor e Rei. Chocam suas duras cabeças contra a pedra e as esmagam de encontro à rocha. Eis o julgamento do Cristo como vem anun-

---

1. Ver a divisão do Salmo 109 e comentário aos versículos iniciais na Revista Gregoriana 37, Jan. Fev. 1960 e 38, Março-Abril 1960.
2. Tract. in Ps. 109. C. Chirst. S.L. 78. p. 226. Da mesma forma Cassiodoro, Expositio in Ps. 109. C. Chirst. 98, p. 1012.
3. Vers. 2. Ver o comentário na Revista Gregoriana 36, Nov.-Dez. 1959 p. 6.
4. Ver Pannier-Renard, "Les Psaumes" em "La Sainte Bible" Pirot--Clamer v.V, p. 597.

ciado pelo Salmista-profeta. Nêste verso, e no seguinte, o sujeito dos verbos não é mais Javé mas o Messias mesmo, no "dia de Javé" como costumam falar os profetas. (5)

O julgamento que se identifica aqui com uma condenação e um castigo, supõe, por parte do salmista, uma limitação, uma especificação dos que serão julgados, — são aquêles reis de que fala o Salmo 2, são os que se fazem reis da terra e maquinam vãos projetos contra Deus — pois evidentemente o dia do julgamento do Messias, o dia da segunda vinda do Cristo será, em sua ampla significação, um dia de triunfo, de inenarrável alegria para a humanidade mesma. Se o salmista em sua visão messiânica fala de um acontecimento catastrófico, com crânios esmagados, profusão de cadáveres sôbre tôda a extensão da terra, é porque focaliza um aspecto apenas do grande dia e descreve êste aspecto, que é o da condenação, com as imagens das grandes derrotas guerreiras que se desenrolaram nos campos de batalha onde o Rei Daví fazia valer a prêço de sangue os desígnios para os quais Deus o chamara.

Saibamos entender através das imagens violentas e crúas de um poeta, que era Rei do povo eleito, o que será o julgamento de um Rei infinitamente misericordioso e justo que triunfou e impôs entre os homens seu reinado através do derramamento de seu próprio sangue, da doação voluntária de sua própria vida em um julgamento saturado de ignomínia, em que Êle mesmo foi julgado e condenado. O julgamento final proferido por tal Messias dificilmente poderá ser descrito profèticamente pela imaginação e pelas palavras do que temos experiência. Quem viver verá. Todos veremos porque todos necessàriamente viveremos. Desde que nossa alma foi criada por Deus, unindo-se a um corpo ainda elementaríssimo, na reclusão do seio materno, desde êsse momento, não há mais possibilidade para ela de escapar à vida, de escapar portanto ao "dia do Senhor", ao dia em que estaremos face à face diante d'Êle ou para a Vida ou para a condenação eterna. Diz o Senhor no Evangelho que ao aproximar-se êsse dia desejarão os homens que as montanhas caiam sôbre êles, desejarão desaparecer, voltar ao nada de onde saíram, mas em vão o desejarão. Assim é vã a loucura dos que, por suas próprias mãos, num momento de desespêro, destróem a própria vida. Destróem a vida do corpo e mesmo essa por algum tempo apenas; nem por um só momento des-

5. Ver Is 2,12; 13,13; Joel 2,1; Amos 5,18; Sofonias 1,7.

tróem a vida que gratuitamente um dia lhes foi dada por Deus mesmo. A vida da alma, a vida que temos, escapa-nos entre os dedos e sobrenada quando loucamente tentamos afogá-la nas águas do não-ser. Só Deus é o Senhor do ser e do não-ser. Êle virá para um julgamento das nações ,onde haverá cabeças esmagadas, cadáveres em profusão em tôda a extensão da terra. Que essas imagens rudes despertem em nosso íntimo o sentimento do que possa ser o choque de uma só vida, não apenas em seu sentido físico e corpóreo, contra a integridade d'Aquêle que sendo a Misericórdia infinita é a Justiça infinita, aparecendo como Luz que dissipa definitivamente as trevas em tôda a terra extensa. Essa Luz que julgará as nações, já veio um dia como Luz de Salvação. É vida e consolação para os que a receberam um dia, é esperança também para muitos em tôda a extensão da terra, para todos que dentro do corpo da Igreja têm uma só cabeça, o Cristo, que os reconhecerá como seus membros naquêle último dia; reconhecê-los-á como vivendo da mesma seiva de santidade que circula entre a cabeça e os membros. Por isso, serão esmagadas as cabeças daquêles que se erguem como cabeças de si mesmos e que portanto não reconhecem a cabeça única que é o Cristo, por que d'Êle não são membros. Rejeitaram aquela que e o Corpo, a Espôsa do Messias. Eis porque, diz Agostinho, (6) é melhor saber humilhar a própria cabeça, enquanto é tempo, do que aparecer com ela erguida no dia do julgamento, diante d'Aquêle que é a cabeça de um só Corpo de salvação, fora do qual só haverá cadáveres em profusão. Êle será o único a ter a cabeça erguida e, se quisermos erguer a nossa, teremos que aprender com Êle, pois só Êle soube como erguê-la para a Eternidade. É o que se explica no verso seguinte.

Há quem encontre nêste "beber da torrente" do verso 7 uma alusão a Gedeão que, sob as ordens do Senhor, desceu às águas da torrente para alí, conforme a maneira que seus homens bebessem da água, escolher uns poucos, os célebres trezentos, com que venceria numerosos e poderosos amalecitas ,testemunhando, assim, de forma indisfarçável, o apoio do braço de Javé. (7) Não vemos a fôrça da analogia que venha ligar um caso ao outro. Em Gedeão o beber da torrente foi um critério ao acaso para diminuir o número dos

6. Enarr. in. Ps. 109 C. Chirst. S.L. 40 p. 1620.

7 Ver o cap. 7 do livro dos Juízes. A alusão é referida por Pannier--Renard, ob. cit. p. 597, entre outros.

que iriam lutar, aumentando assim a importância da fôrça do Senhor. Não há nenhuma relação entre o beber da torrente e a vitória obtida, pois todos que desceram beberam da torrente, uns de uma maneira e os 300 de outra, isso serviu de critério ocasional e extrínseco não pròpriamente para selecionar mas para excluir simplesmente os mais numerosos do combate que o Senhor queria vencer quase sòzinho. No último verso de nosso salmo, ao contrário há uma relação real entre o beber da torrente e o vencer: porque beberá, por isso erguerá a cabeça, não apenas porque beberá, mas porque beberá da torrente, e beberá no caminho, na estrada, "in via".

São os Padres da Igreja, que tiveram uma luz especial para ver através das palavras das Escrituras, tantas vêzes obscuras e misteriosas, o que elas simbolizam e querem significar, que nos esclarecerão a respeito dêste verso. (8)

Aquêle a quem foi dito, chamando-se-lhe de Senhor, assenta-te à minha direita, aquêle que mereceu tal oráculo real, aquêle a quem se disse: és Sacerdote eternamente, aquêle que julgará nações, que encherá todo o universo de terror, que esmagará cabeças tendo à sua direita o Senhor, êste é que em seu caminho beberá da torrente. Em seu caminho isto é, caminhando pelo caminho dêste mundo, pois já diz o salmo 118: "Beati immaculati in via" isto é, felizes os justos, os que não se corrompem nêste mundo. Assim, o Sacerdote segundo a ordem de Melquisedec, o ungido e entronisado à dextra de Deus, desceu aos caminhos dêste mundo, caminhou pelas nossa estradas, bebeu também da torrente dêste mundo. A torrente não é como a fonte que nasce nas montanhas e que tem águas próprias, permanentes e límpidas. A torrente corre nos vales, nas depressões da terra com águas inconstantes, com as águas das chuvas, as enxurradas das tempestades, com as águas que descem dos montes na violência dos temporais e atiram-se nos precipícios. A torrente se engrossa com águas lodosas e violentas, traz consigo tôda a sorte de detritos que arrastou dos montes; quando cresce e se exalta, seu poderio é de precipitação, de fôrça desordenada, sua riqueza é de lama, de fôlhas, de galhos e troncos arrebatados. É esta a água do caminho dêste mundo que o Cristo, Rei e Sacerdote, quis beber como homem nascido da Virgem Maria. Por isso, em dado momento, sua alma faz-se

---

4. Na interpretação que se segue, inspiramo-nos principalmente em S. Jerônimo: Tract. in. Ps. 109 Chirst. S.L. 78, 227-230.

triste até a morte, encheu seu cálice com a água da contradição, com água pesada da torrente e antes de levá-lo à bôca, o homem que havia nêle ainda exclamou: Pai, se é possível que se afaste de mim êste cálice, mas a tua vontade e não a minha seja feita. O momento não é de beber das águas da alegria, das fontes do Espírito, das águas límpidas que brotarão do seu coração para lavar nossas almas. O momento é de beber a água da torrente, a água lamacenta das trevas e da tristeza, que é a água da miséria humana que Cristo quis assumir descendo aos nossos caminhos: "Em seu caminho beberá da torrente".

Conta o Evangelho que quando Jesus resolveu entregar-se a Judas e aos Judeus, atravessou com seus discípulos a torrente de Cedron (Jo. 18.1) que em hebraico quer dizer trevas e quando Pedro reage contra os soldados contratados pelos judeus, contém-no Jesus dizendo: "Não beberei então o cálice que meu Pai me apresentou?" (Jo. 18,11). É esta a água da torrente que o Messias veio beber no seu caminho que é o caminho dos homens, é a água de que fala o salmista em um canto admirável que descreve o sofrimento do pobre, do Salvador em sua exinanição, na humildade de seu despojamento amoroso :"minha bebida está misturada com lágrimas" (Sl. 101,10), conforme cantamos na Comunhão da 4.ª feira maior, imediatamente antes de começarmos a celebração dos mistérios da paixão, morte e ressureição do Senhor.

Esgotando a última gôta dêste cálice, o Messias, o Salvador, conquistou como homem, para todos os homens, o direito de reerguer a cabeça: "eis porque reerguerá a cabeça".

Está nêste último verso resumida tôda a história da nossa Redenção, operada pelo Filho de Deus feito homem. Êle bebeu da torrente em seu caminho quando fêz seu o caminho dos homens, quando nasceu de Maria Virgem, quando adotou a natureza humana com tôda a sua fraqueza, menos o pecado, quando viveu entre os homens, percorreu as estradas, curando, ensinando e fazendo o bem, quando, por fim, aproximou mais de si a bôrra do cálice, a lama da torrente e sorveu-a totalmente. Condenação, crucifixão, morte e sepultura, ao terceiro dia resurgiu dos mortos, ergueu a cabeça e com a sua a de todos os homens.

A terra tôda se movimentará e presenciará sinais maravilhosos como preparação para a vinda do Filho do homem, trazido sôbre uma núvem com grande poder e majestade. "Quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima

e levantai vossas cabeças, porque se aproxima a vossa redenção". Assim nos fala o Evangelho do tempo de preparação do Natal, o Evangelho do 1.º Domingo do Advento (Lc 21,25-33), encarando dessa forma a Igreja as duas vindas do Cristo como fases de uma mesma realidade: a realização de nosso destino eterno por Aquêle que nô-lo conquistou por sua descida e por sua subida, por sua morte e por sua ressureição.

O comentário por excelência dêsse último verso do salmo "Dixit Dominus" é assim o célebre trêcho de São Paulo aos Filipenses, resumo da obra salvadora do Filho de Deus. "Cristo humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obedediente até à morte e morte da cruz. Eis porque Deus o exaltou e deu-lhe um nome que está acima de todo o nome" (2,7-9).

O Salmo messiânico' 'Dixit Dominus" parece querer em poucos versos, esgotar a realidade teológica do Filho de Deus nascido entre os homens: apresenta-O como Rei, Sacerdote, Juiz, Vítima e Redentor de uma humanidade decaída e humilhada na miséria; por Êle resgatada e elevada, por Aquêle que se humilhou até a morte e agora se assenta à direita de Deus. O Juiz, alí assentado, que um dia foi o recém-nascido da mangedoura e o condenado da Cruz, dirá a última palavra sôbre os frutos da Caridade que Êle veio plantar na terra, radicar na cidade dos homens, nascendo como pobre entre os homens, morrendo como o último dos homens, para dar a todos os homens um destino muito acima de todo o humano. É nêsse dia que cada cristão que morreu com o Cristo e com Êle resurgiu poderá reerguer a cabeça porque na Caridade do Cristo terá, como Êle e com Êle, "bebido da torrente no caminho" de sua vida mortal.

* * *

USO LITÚRGICO DO SALMO 109

O Salmo "Dixit Dominus" que, como acabamos de ver, fala-nos, em poucos versos, da grandeza da missão do Messias é um dos salmos mais cantados do Saltério e ocupa lugar de honra na liturgia. É o primeiro salmo das Vésperas de Domingo, do dia do Senhor, que, como diz o mesmo salmo, se assenta à direita do Deus, e é o salmo obrigatório com que se abrem as Vésperas de tôdas as festas, sejam elas do Senhor, de Nossa Senhora ou dos Santos, de tôdas as festas que gozam de certa solenidade. É um salmo que pelo

seu caráter marcadamente messiânico nos fala de bem perto do Cristo e o Cristo é o centro da liturgia da Igreja, de onde o lugar de excepcional destaque que ocupa o Salmo 109 na mesma liturgia.

Quanto aos textos do Missal que emprestam versos do Salmo "Dixit Dominus", devemos distinguir dois grupos. Os textos das Missas de Pontífices que, naturalmente usam do oráculo do V. 4 "Tu es Sacerdos" e textos da Missa de Natal que falam da encarnação do Verbo, referindo-se a isso com o texto tão difícil e misterioso do versículo 3.

Quanto aos primeiros, devemos citar os versos aleluiáticos das Missas: "Sacerdotes tui" de um Confessor Pontífice e "Statuit", quer se trate da Missa de Confessor Pontífice ou de Mártir Pontífice. Nêsses três "alleluia" usa-se o verso 4 como dissemos. A Missa votiva de Nosso Senhor Jesus Cristo Sumo Sacerdote tem como Intróito todo o verso 4 do oráculo Sacerdotal: "Jurou o Senhor e não se arrependerá..." como verso salmódico o oráculo do 1.º vers.: "Dixit Dominus Domino meo: Sede a dextris meis".

A Missa de meia noite na festa de Natal tem seu Gradual e Comunhão tirados do Salmo 109.

O Gradual "Tecum principium" no repertório gregoriano é uma magnífica peça do 2.º Modo cuja melodia é bastante divulgada em outras festas. Aplica ao Nascimento do Cristo o verso 3, segundo a Vulgata: "Tecum principium in die virtutis tuae: in splendoribus Sanctorum ex utero ante luciferum genui te". O verso do Gradual é o primeiro verso do salmo que proclama o reinado daquêle menino que acaba de nascer como pobre e humilde entre os homens, mais ainda, como já perseguido pelos reis da terra. Mas nosso gradual canta que Deus colocará seus inimigos como escabêlo de seus pés.

A Comunhão dessa mesma Missa canta em uma só frase musical do 6.º modo a segunda parte do verso 3 que segundo o latim diz: "In splendoribus sanctorum ex utero ante luciferum genui te" o que seria: "nos esplendores dos santos (da santidade) antes da aurora, do ventre eu te gerei". Como se vê, a liturgia abre possibilidades a ricas interpretações, principalmente à aplicação mariana, dêste obscuro texto do salmo, como o verificamos no comentário feito. A melodia do 6.º modo com neumas, todos êles muito carregados de expressão, dá uma solenidade misteriosa e meditativa às palavras do Salmista. É uma peça que deve necessàriamente ser cantada com gravidade e expressão, o que não significa pêso e lentidão. Note-se o salicus não expresso na

edição Vaticana sôbre a primeira sílaba de "genui". O fá deve ser a nota íctica enquanto o sol e la longos e bem arredondados, no alto do ritmo, preparam o apôio da bivirga seguinte sôbre o fá.

* * *

CORRESPONDÊNCIA. Chega-nos através da Redação "PERGUNTE E RESPONDEREMOS" um pedido de explicação a respeito de Melquisedec, "que não teve pais... pode ser assim interpretado aquêle texto em Hebr. 7,3..." pergunta o missivista, referindo-se ao artigo "Tu es Sacerdos", Rev. Greg. 38, pag. 7, linhas 18-20.

Temos a dizer que, quando o artigo diz que Melquisedec não teve pais, nas linhas citadas pelo correspondente, não interpreta mas repete as mesmas palavras de Hebr. 7,3: "sine patre (apátor), sine matre (amétor), sine genealogia etc.". Interpretação haveria, e esta clássica, nas linhas seguintes (23-25) onde se explica que o autor da Epístola aos Hebreus salienta o fato raro de introduzir o Antigo Testamento uma figura como Melquisedec "ex abrupto", sem apresentar sua genealogia, não para afirmar que o mesmo M. não tivesse tido pais que o gerassem naturalmente, mas para encontrar naquêle personagem misterioso o caráter de figura, de tipo do Messias, deixando-o como figura menos terrestre que celeste.

APÊLO AOS ASSINANTES

Pedimos aos nossos caros assinantes:

1. que saldem suas contas com a Revista Gregoriana;
2. que propaguem nossa Revista, arranjando-nos mais assinantes;
3. que enviem-nos suas sujestões para melhorarmos a Revista.

UMA PÁGINA de SANTO AGOSTINHO sôbre a

ORAÇÃO

UM morto cujo sepultamento já foi comemorado em gráu de 15.º centenário, Sto. Agostinho, é, no entanto, sempre vivo e atual entre os cristãos do Ocidente. Seu génio, marcado pelo signo do coração — como êsse outro que me permitam citar apesar de pagão, Vergílio, de tantas afinidades como Sto. Agostinho, mas tão superado por êle — será sempre presente e é até mais necessário do que nunca a um mundo que assiste em desespêro à decomposição de certos valores sem os quais a vida humana parece irremediàvelmente ameaçada.

Para o grande público, Sto. Agostinho é, sobretudo, o pecador, o rebelde, perseguido pela graça de Deus e que acaba por render-se à iniciativa do amor. Suas *Confissões,* obra mais geralmente conhecida, terão sempre um lugar à parte na literatura religiosa.

Mas Sto. Agostinho foi mais do que um pecador cuja experiência espiritual

terminou com a conversão. Esta, na verdade, o lança a uma aventura ainda mais vertiginosa, a da santidade, encarnada para êle na vocação pastoral de bispo, que foi a sua. E um dos cuidados fundamentais da sua atividade apostólica foi formar um rebanho verdadeiramente piedoso, instruído na ciência da oração. Não será, assim, ocioso examinar uma das suas páginas mais características sôbre o assunto.

Meu objetivo não é, evidentemente, analisar a doutrina augustiniana da Oração, mas apenas chamar a atenção para um documento que revela alguns dos traços fundamentais dessa doutrina.

Trata-se de uma carta, a Epístola 130 segundo a edição Migne (P.L.33,col.494-507). Dirige-se a uma grande dama, Proba, viúva que pedira ao seu bispo que a ensinasse a rezar. O pastor não pode conter a alegria, vendo no desejo da mulher um sinal do Espírito, e uma conveniência com a doutrina do Apóstolo para quem deve aquela que é "verdadeira viúva, e desolada", orar dia e noite (I Tim. 5,5).

Ora, a piedosa ovelha de Hipona era, ao que parece, uma senhora extremamente rica e próspera, máu grado a viuvez, o que torna mais significativo o seu empênho em aprofundar a vida espiritual no exercício da oração. O santo começa por provar que, não obstante a felicidade em que ela vivia — "nobre segundo o século, rica, mãe de numerosa família e, poristo, embora viúva, não sòzinha" — ela se sente realmente só (*desolata*), como a verdadeira viúva que S. Paulo louva. Sinal de que não confia nas riquezas nem nos demais bens dêste mundo, mas sente a "desolação" inerente ràdicalmente ao nosso estado de peregrinos. É uma alma que não se acomoda à saturação dos bens humanos e, assim, pode abrir-se para Deus, experimentando, em plena afluência das "delícias" do século, aquela carência dos inconformados. É o rico, *espiritualmente pobre*. Só uma alma em tais disposições pode de fato orar : "a alma cristã deve julgar-se sòzinha (desolata) para que não cesse de orar, aprendendo a fixar os olhos da fé na palavra da Escritura que brilha como uma lâmpada no escuro, até que o dia amanheça".

Estas palavras do filho de Mônica assinalam um aspeto essencial da trama de sua doutrina da oração. Pressupõem, com efeito, a íntima dependência que liga entre êles os 3 elementos seguintes : a oração, a pobreza em espírito (que estimula a fome de Deus) e o alimento dessa fome, que é a Palavra revelada.

A uma carência experimentada, a êsse côncavo insondável da alma humilhada, Deus responde com o seu verbo, a Escritura, que é ao mesmo tempo um estimulante e uma refeição apaziguadora da oração, destinada a durar como uma luz frágil mas invencível, até que o Dia clareie, que o Senhor volte em sua glória perfeita. A liturgia ainda conserva em seu sistema tradicional essa estrutura básica da oração, que sucede, como "resposta" da comunidade e da alma orante, à lição da Escritura.

Para Agostinho, a Palavra de Deus é *fons ineffabilis* de luz. Fixar êsse foco inesgotável é receber a pureza de coração (col. 496) que na sua plenitude desabrocha definitivamente em visão divinizante, e assimilação cognitiva e amorosa. Aí será a "Vida verdadeira". É a consciência de ainda não possuírmos a *vera vita,* que nos leva a orar. O objeto da oração supõe, pois, para ser bem focalizado e querido, a qualidade básica da "desolação" interior, dessa fome de Deus a partir dum desapêgo radical, que não é senão a pobreza espiritual das almas ávidas de Deus. Aqui é a hierarquia do sêr sôbre o haver, que mais uma vez se faz sentir. Ordem do sêr, nudez deante de Deus, despossessão que nos lembra a descida — ascensão dos "Degráus da humildade" de S. Bento (Regra, Cap. VII). É o "*qualis ores*" de Agostinho.

"*Quid orare*? A resposta do bispo não se faz rogada:" *ora beatam vitam*" (cf.c. IV da carta). Pede a vida bem-aventurada. Qual é essa vida feliz? Sto. Agostinho analisa o conteúdo da bem-aventurança, através de tôdas as soluções que a humanidade propõe a essa questão fundamental. Subindo de gráu em gráu, através de tôdas as respostas insatisfatórias, chega êle, afinal, àquilo que é a *beata vita,* não só em sua plenitude, a visão de Deus, mas também em sua aurora incoativa neste mundo, a vida teologal da fé, esperança e caridade.

Os limites que me tive de impor não permitem, infelizmente, uma análise das riquezas doutrinais contidas nessas passagens densas em que o pensamento augustiniano, nutrido da Escritura, examina o estôfo íntimo da oração.

Em síntese, porém, êle nos ensina não só *como* orar, isto é, a qualidade interior de pobreza, *o que* pedir, e êste objeto é a vida eterna. *Beata vita petenda est, haec a Deo quaerenda est.* Ser bemaventurado é, como diz o Sl, 143, ter como Deus ao próprio Senhor, pertencer ao seu *Povo,* atravez da plena vitalidade das virtudes teologais. Elas nos

unem desde já à própria Vida eterna, "da qual devemos agora, na oração, manifestar a sêde, enquanto vivemos em esperança". Essa vida, objeto de nosso insaciado desejo, é um dom tão transcendente que nem sequer *sabemos* pedí-lo em plena consciência de causa. Mas podemos, diz Agostinho, rejeitar tudo aquilo que ela *não é*, numa palavra, todos os bens relativos e intermediários, incapazes de saciar a plenitude do desejo. Aqui entra em função o Espírito Santo. É êle, segundo o nosso amado Agostinho, que "interpela por nós" e que "inspira o desejo dessa coisa tão grande e ainda ignota, que esperamos com paciência".

Termina êle assim a sua instrução à piedosa viúva de Hipona: "luta por vencer pela oração êste século; ora em esperança, ora na fé e no amor, ora sem cessar e com paciência, ora como uma viúva de Cristo".

O exercício da vida teologal, levado à perfeição pela atividade dos dons do Paráclito é, pois, a oração do cristão peregrino, mas nela já se contém o ante-gôzo da plenitude eterna, onde seremos, para reeptir outra palavra de Sto. Agostinho, "insaciàvelmente saciados".

Festa de Sta. Mônica — 1960

16.ª Semana de Estudos de Canto Gregoriano

DATA: de 18 a 29 de julho
LOCAL: Rio de Janeiro — Colégio Santo Amaro
— Rua 19 de Fevereiro, 172 Botafogo

MATRÍCULA: até o dia 12 de julho
INSCRIÇÃO: CrS 600,00

A Revda. Madre Superiora do Colégio Santo Amaro receberá algumas alunas internas; semi-internato: almoço e merenda. Os prêços a combinar.

Falando de Liturgia

UM ARTIGO DE GELINEAU SÔBRE O CANTO DO POVO

O último número de 1959 da revista "Maison-Dieu" (n. 60) é todo dedicado aos "Atores da Celebração Litúrgica", tema da sessão do Centro de Pastoral Litúrgica realizado de 1 a 3 de setembro de 1959 em Versalhes, cujas conclusões já publicamos na REVISTA GREGORIANA (37, jan.-Fev. 1960). Entre os muitos estudos de valôr colecionados pelo número, acima citado, da revista francêsa, destacamos o do conhecido Jesuita P. Gelineau sôbre o Canto do Povo (Maison-Dieu 60, P. 136-147). Ressaltaremos aqui alguns dos conceitos mais fundamentais do referido artigo.

Distingue-se dentro da grande assembléia litúrgica o que se chama povo. A assembléia é todo o conjunto. Quanto canta o celebrante, quando um dos Ministros, a Schola, ou o povo, canta a assembléia por um de seus elementos ,por um de seus órgãos. O "povo" é pois um órgão da assembléia, o mais numeroso mas também o não especializado. Seja como fôr, trata-se de um órgão da assembléia litúrgica. Essa assembléia é um corpo hierarquisado que consta, em uma divisão muito geral e ampla de: celebrante e povo.

O canto litúrgico é essencialmente um diálogo entre êsses dois elementos que podem ser ditos principais, ainda que nem sempre por si mesmos desempenhem suas funções. Assim, do lado do altar, ora um diácono ou sub-diácono canta algo. Do lado da nave, a schola — sem falar nos casos excepcionais como versos do Gradual — completa, sustenta, dá apoio ou supre a parte do povo. Sendo esta parte do povo portanto um elemento essencial, daí decorre um direito e um dever que cabe ao povo de cantar, desempenhando sua função na assembléia. O homem batisado adquire o direito de render culto a Deus na Igreja. Os textos litúrgicos, principalmente alguns dos magníficos textos dos Prefácios, invocam e apelam para o canto do Sanctus onde se deveriam juntar às dos anjos as "nostras voces... supplici confessione dicentes: Sanctus, Sanctus, Sanctus". Aliás quando o celebrante entôa êsse canto solene de ação de graças —

um canto eucarístico — já o faz em nome da "plebs sancta" da qual obtém um ativo consentimento expresso no diálogo inicial do Prefácio.

A êsse direito, corresponde um dever, sempre o declarou o ensinamento da Igreja. O canto constitui, depois da comunhão sacramental mesma, a participação ideal na ação sagrada. "O canto do povo não é pois uma concessão demagógica feita à Pastoral moderna, mas uma lei permanente da celebração do culto cristão", diz expressamente Gelineau.

O autor distingue quatro graus no canto do povo conforme a maior ou menor ligação com a expressão oficial da oração da Igreja. O povo pode cantar: 1. o canto *da* liturgia; 2. pode cantar *na* e *com* a liturgia; 3. *em tôrno* da liturgia; 4. *fora* da liturgia.

O 3.º e 4.º grau correspondem aos cantos nas cerimônias chamadas "pia exercitia", ou então os cantos dos chamados "menestreis de Deus", "cancioneiros bíblicos" ou "guitarristas do Senhor". O 2.º grau são os cantos mesmo em língua vulgar que tenham lugar inclusive em uma missa lida, mas que têm íntima ligação com uma por uma das principais partes da missa. O 1.º grau e o mais nobre do canto do povo, quando êste participa diretamente da liturgia, é o canto latino das peças litúrgicas conforme constam dos livros oficiais.

Eis aí uma classificação prática para o estudo do problema do canto do povo, classificação fundada nos documentos pontíficos sôbre o assunto.

Gelineau como que interrompe seu artigo e resolve falar-nos de coisas práticas que muito podem interessar. Abre assim um novo parágrafo :

1. *"Começar pelas coisas simples"*.

É essa a primeira orientação que se deve tomar para vencer o terrível obstáculo que se chama: o *mutismo dos fiéis*. Ora, acontece por felicidade muito grande que os cantos mais simples são também na liturgia *os elementos mais essenciais da participação do povo*. São as clássicas respostas: *Amen; Et cum Spiritu tuo*, etc. que a Instrução classifica como 1.º grau de participação na missa cantada.

"Não há quem saiba se servir tão pouco de sua voz que não possa com os outros, responder a êsses cantos. Mas é preciso pedir, explicar o valôr e o sentido e... persuadir. Para obter a passagem ao *ato* em um povo habitualmente

mudo, é bom aproveitar ocasiões em que os fiéis estarão menos ligados ao apêgo à sua passividade rotineira : missões, peregrinações, dias santos, Natal, primeira comunhão, festa extraordinária, etc.".

Quem, a custo de insistência e trabalho, obteve respostas sólidas para aquêles trêchos mínimos, poderá passar aos trêchos do Ordinário cantado, com a condição de escolher bem. Além das peças indicadas pela Instrução ,o autor sugere: o Sanctus ferial (XV) nunca contra indicado; o Kyrie XVIII e o Agnus ad lib. II, por serem melodiosas.

A êste primeiro conselho de começar pelas peças simples, acrescenta-se:

2. *"E peças cantantes".*

É preciso que haja "prazer em cantar". O canto deve abrir as almas para o louvor e para a súplica. "As simples respostas ao celebrante na missa cantada são, sem dúvida, perfeitas em seu gênero e incomparàvelmente belas, mesmo comoventes em certos casos. Mas austeras, por demais breves e concisas para que a música tenha tempo de agir. É preciso conquistar para o canto, de onde a conveniência de lançar desde o início as melodias que são chamadas "cantantes". Aqui então o autor aconselha que depois de se ter insistido sôbre as respostas ao celebrante ou a missa XVI que a Instrução deseja ver cantar no mundo inteiro, que se retome para melhorar em qualidade a missa "de Angelis" ou que se entremeie o ensáio com o repassar de algum canto em língua vulgar que agrade e descanse.

Seguem-se ainda dois conselhos, um de cunho psicológico e o outro prático

3. *Fazer desejada e amada a nova peça de canto.*

Saber como lançar uma nova peça. Torná-la desejada. Não a apresentar por acaso, mal preparada, mal entoada, mal cantada, a um auditório indiferente, não preparado,distraído. "Para lançar uma nova peça, supondo-se bem escolhida quanto à qualidade e conveniência, é preciso fazê-la apreciar por uma boa audição — um bom disco, por exemplo. É preciso explicar o texto, mostrar sua beleza e seu interêsse. Inaugurá-la em ocasião favorável". Que a nova peça ganhe o acréscimo de um conteúdo religioso e humano, pois isso pode contribuir para que a peça seja mais amada e desejada.

Ainda: não se deve estreiar o canto senão contando com a probabilidade de ser executado em condições para ser apreciado. Depois de estreiado deve ser repetido vêzes suficientes para que penetre na memória e no coração. A obra de arte não se revela senão quando bem conhecida e possuída com famíliaridade. Evite-se entretanto a saciedade.

4. *Instruir separadamente as diversas frações da assembléia.*

Além do ensaio do côro, onde naturalmente se preparará a nova peça ou nova missa, é preciso atingir separadamente os diversos grupos da paróquia, crianças depois do catecismo; outros grupos antes da bênção ou do têrço, os de Ação Católica, no fim da reunião etc. Que assim tôda a paróquia seja atingida e interessada. Isso exige entrosagem, dedicação grande pois o trabalho é muito. Explicar tantas vêzes a peça, de modo claro, interessante e adaptado, tocar discos, repetir a melodia frase por frase, explicar o texto etc. Sem dúvida é trabalhoso. "Mas pensais que a missa dominical, única reunião semanal em que tôda a comunidade paroquial pode alimentar sua fé não o merece? O que fôr edificado sòlidamente ficará por muitos anos. Destes a possibilidade a tôda uma geração de rezar na Igreja.

Por fim, fala o autor da "insistência do amigo importuno". É preciso recomeçar sempre, convidar com o ânimo de quem falasse pela primeira vez. "Vamos abrir o livro em tal página... vamos responder... vamos cantar... Sempre, sem ver obstáculos. Um dia se consegue.

* * *

A segunda parte do artigo de Gelineau é sôbre a "Beleza do canto do Povo". Sim, pois o esfôrço de fazê-lo cantar é para que cante bem. Não é necessário esclarecer por que deve ser belo êste canto. Mas talvez se deva abordar questão mais sutil: em que consisitirá a beleza do canto do povo? Um concerto, um disco, uma peça de schola são feitos para serem ouvidos. No canto do povo, ao contrário, se todos cantam, por princípio não há ouvintes. Todos são executantes e é muito diversa a posição de uns e outros. Em resumo, quando se trata do canto do povo, não se deve quem quer que seja colocar numa posição de mero ouvinte, decretando: se êste canto não me ajuda a rezar, que *cesse*. Não, cada um tem que se colocar como cantor e o que pode não

me ajudar com mero ouvinte, pode ajudar-me como cantor. Mas o cantor é também, sob certo aspecto, ouvinte e como tal pode o canto ser julgado mal, deverá ser substituído, mais trabalhado mas não condenado simplesmente por alguém que vai só para ouví-lo. O responsável pela assembléia litúrgica *é* também responsável pela sua beleza e por êsse julgamento complexo a respeito de um canto que admite quase exclusivamente executantes.

Ora, o canto deve ser, por si mesmo, digno de dar glória a Deus e de edificar os fiéis segundo critérios de bom senso. Há pois condições técnicas e pastorais a serem observadas. Passaremos a elas.

1. *Técnica musical dos responsáveis.*

Tudo aquilo que exige um canto coletivo para ser belo: qualidade das vozes, justeza da melodia, movimento coerente, alegria e gravidade que devem exprimir uma fé viva depende afinal do responsável que deverá ter sido formado pela prática sob a direção de um mestre.

"Queria adjurar ao menos os seminários de tomar isso a sério pois é parte integrante de sua função clerical e sacerdotal. A experiência e a reflexão pastorais falam aqui no mesmo sentido que as prescrições da Igreja".

Mais tarde os padres sofrerão tôda a vida — e quanto sofrerão seus paroquianos! — da falta dessa aptidão, simples de adquirir na infância.

Para os que já estão no ministério, há o recurso às sessões de formação técnica de canto sacro. Que participem, se puderem, ou façam todo o esfôrço para mandar leigos capazes, em que possam mais tarde se apoiar. (Lembramo-nos aqui de nossas Semanas Gregorianas, realizadas no Rio e em São Paulo, em julho e janeiro de cada ano).

"Não posso dizer mais que isso, mas a responsabilidade fica".

2. *Educação do povo.*

A educação normalmente deve partir da infância. É de enorme importância o canto no catecismo para que se formem os futuros cantores.

É DE NOTAR OS RESULTADOS NOTÁVEIS DO MÉTODO WARD.

É muito grave cantar mal pois corrompe o senso musical ainda maleável da criança, perverte seu gôsto e a afasta do canto religioso, separando canto e oração.

O uso de bons discos é importante. Quanto aos adultos, é preciso escolher bem o que se vai cantar e sem fazer demasiadas considerações técnicas, inculcar uma maneira de cantar justa e bela; é por essa execução cuidada e ligada com a oração que se fará a peça desejada em sua beleza.

3. *Direção e apôio.*

Nada de gestos espetaculares e inúteis. Uma entoação justa e eficiente, sinais claros e discretos com a mão. Sobretudo combinar bem os detalhes e alternâncias com as pessoas que estão em jôgo para que não haja desencontros.

A improvisação (e a conseqüente desordem) são péssimos indícios, encontrados em nossas Igrejas.

É de grande importância uma breve advertência, e feita discretamente, que situe a peça no mistério do dia e no conjunto do ofício, que dê o significado das palavras e saliente um ou outro de seus aspectos.

O povo precisa ainda de quem sustente o seu canto. Não será uma voz esmagadora, dominando tudo através até, quem sabe, de um microfone, o que é inadmissível. O canto do povo pede imperiosamente a "schola" que lhe dê um modêlo; que crie um ambiente, que alterne com êle e eduque seu gôsto. Outro elemento de sustento será o órgão, assunto que deve ser tratado de modo especial, pois muito delicado.

Insiste ainda o autor sôbre a escolha das peças que são próprias para o povo, segundo a conveniência litúrgica, a facilidade, o bom gôsto etc. Não creiamos fàcilmente ser o gôsto do povo aquêle que supomos ser. Muitas vêzes é superior ao que pensamos, assim como suas possibilidades são às vêzes bem maiores do que cremos inicialmente. Não devemos ficar presos a limites estreitos postos inicialmente como intransponíveis.

Quanto à renovação do repertório, lembremo-nos que não se deve mudar por mudar. A peça precisa tornar-se familiar para ser executada com beleza e rezada com facilidade. O ideal é chegar-se a um repertório estável, conhecido e apreciado, ao qual se ajunta devagar e regularmente

algo de novo. Não se abandona o que se tem e não se substitui o que se tem, antes de possuir plenamente o que se vai colocar no lugar do que se quer deixar. Nêsse ponto chama atenção o autor para um fato bem conhecido, um canto torna-se gasto tanto mais depressa quanto mais ricamente ornado e resistente mais ao tempo quando mais despojado. Exemplifica: as quatro notas do Sanctus ferial — como as do Prefácio — desafiam o uso cotidiano, enquanto o da Missa de Angelis... Inclui Gelineau também um exemplo bem seu, comparando num sentido e noutro os seus Magnificat e "O Senhor é meu Pastor".

Ora, é a liturgia mesma que oferece a solução natural para êsse problema, prescrevendo o uso de certas peças para certas festas ou tempos.

As mesmas peças de Natal ou ramos, quando reaparecem em suas ocasiões próprias, parecem renascer com nova vida. Se isso existe é porque de um lado, elas foram sempre cantadas, e por outro lado: só naquela ocasião apropriada. É esta solução sábia que poderia inspirar soluções idênticas para situações semelhantes.

Assim termina o P. Gelineau seu artigo sôbre o canto do povo, onde se dá o justo valor a êste elemento da assembléia e onde se considera devidamente o canto gregoriano como a solução alta do problema. Seus conselhos fundamentados numa preciosa experiência, muito podem servir àqueles que trabalham nesta difícil mas nobre tarefa de fazer o povo de Deus rezar na casa do Senhor, com o louvor e a beleza do canto.

D.J.E.

"SEMANA GREGORIANA" PARA AS RELIGIOSAS DE CLAUSURA

Por iniciativa de S. Eminência o Cardial Lercaro foi organizado no outono passado (outubro de 1959) um Curso de Canto Gregoriano dedicado às religiosas de clausura papal da Itália. O curso foi realizado em Bolonha, durante algumas semanas e dirigido por dois monges beneditinos do Mosteiro da Ilha de S. Jorge em Veneza. Diàriamente as participantes recebiam cinco horas de aulas e cantavam em comum não sòmente a Missa Solene, mas Têrça, Sexta, Noa, Vésperas e Completas.

As participantes representavam uma centena de casas religiosas, sendo-lhes necessária naturalmente uma autori-

zação expressa da Santa Sé para que pudessem atravessar os muros da clausura e atender ao convite do Cardial de Bolonha. Vê-se nêste acontecimento, que nunca tivera lugar anteriormente mas que, ao que se diz, se repetirá em breve, a prova de interêsse dedicado pelas altas esferas à música litúrgica por excelência. Por outro lado, não é difícil de se compreender que aquelas que dedicam o melhor de sua vida ao louvar divino desejem ardentemente desempenhá-lo de maneira mais perfeita possível o que necessàriamente presupõe uma formação técnica nem sempre fácil de ser adquirida dentro dos limites da clausura. Estão assim de parabéns as monjas da Itália pois de agora em diante a clausura que tanto lhes facilita o recolhimento da vida de perfeição, não lhes impedirá o aprimoramento da técnica necessária para uma digna e nobre realização coral.

O SANTO PADRE JOÃO XXIII FALA AOS SEMINARISTAS MAIORES DE ROMA SÔBRE O ESTUDO DA LITURGIA

"Os jovens Seminaristas encontrarão seguramente na obra completa de Guéranger, ou então em outras publicações mais recentes, como por exemplo na de Righetti, em quatro volumes, uma instrução profunda e substanciosa a respeito da santa doutrina, da vida da Igreja, da liturgia. Tudo isso deve ter primazia, junto com a aplicação às ciências sacras, sôbre os outros estudos; ou melhor sôbre a curiosidade de outros assuntos que, muitas vêzes podem atrair os olhos e os sentidos, mas não representam aquilo que é ao contrário, a essência viva, a união íntima da alma com Cristo, sob o ponto de vista teológico, histórico, e a respeito do desenvolvimento do seu culto, de sua doutrina e de seu amor no mundo" (ver: L'Osservatore Romano, 28.2.1960).

LIVROS EM REVISTA

DOM ESTÊVÃO BETTENCOURT O.S.B., *"PARA ENTENDER OS EVANGELHOS"*, AGIR 1960.

A sumula da pregação que os Apóstolos iniciaram dez dias após a Ascensão seria um dia cristalizada nos quatro Evangelhos canônicos. Nasceram êstes, pois, como frutos da "voz viva" da Igreja e pressupõem uma catequese oral de pelo menos trinta anos. Não foram, aliás, os únicos registros que se fizeram na Igreja primitiva, dos feitos e das palavras de Jesus, mas êles, sòmente, foram aceitos oficialmente pela Comunidade como genuinos escritos apostólicos, como Escritura infalível e inspirada. São os "quatro livros de um só Evangelho", "o Evangelho quadriforme", como gostavam de dizer os antigos Padres. Oriundos, portanto, do sêio da tradição viva, só podem ser entendidos e explicados no contexto dessa tradição que, assim como no-los conserva íntegros, no-los interpreta em seu sentido sôbrenatural autêntico. E necessitam de ser explicados, porque realizam uma como que "encarnação" do Verbo de Deus, e, analogamente à carne de Jesus, são, de certo modo, opacos ao esplendor da divindade que encerram. Assim, se essa explicação deve começar por mostrar o seu sentido material (são livros humanos!), por meio da filologia, da historiografia, da arqueologia, etc., só será completa quando tiver atingido a dimensão profunda dos textos, o seu tesouro escondido e divino, e, isto não pode ser obtido senão sob a luz do ensino da Igreja, onde mora o Espírito de Cristo.

Essas considerações nos conduzem à apreciação de um livro como o de Dom Estêvão — "Para entender os Evangelhos" — elaborado sob a guia da exegese e ciência bíblica católica.

Faltava ao nosso público uma Introdução aos Evangelhos como essa, onde, em cêrca de 360 páginas de leitura extremamente agradável, se compendiam os mais úteis dados para uma autêntica iniciação aos Evangelhos.

O propósito do Autor é o de apresentar um Manual que habilite o leitor a um entendimento frutuoso, sapiencial, dêsses escritos sacros. Alía, destarte, ao caráter científico o caráter prático e, por isso mesmo, evita as discussões sutís ou de interesse mais técnico, mas, ainda assim, conserva uma

importância própria no plano científico, não só pelo valor extraordinário da obra como síntese de conclusões já estabelecidas, mas por causa também da contribuição pessoal que lhe dá D. Estêvão, com sua reconhecida competência na matéria.

O livro está dividido em 11 capítulos, acrescidos de úteis apêndices, esquemas e índices.

Os três primeiros capítulos tratam de questões de interêsse genérico quanto aos quatro Evangelhos.

Assim, o 1.º examina o significado religioso que de todo o Novo Testamento se depreende, confrontando-o com o de outras coleções da literatura religiosa da humanidade e mostrando sua transcendência sôbre as mesmas, a propriedade inalienável de seu título de "Boa nova".

No 2.º capítulo evidencia-se a perspectiva particular em que se colocaram os autores dos Evangelhos e demais escritos do Novo Testamento, ao nos reproduzirem a figura do Cristo Jesus. É um mesmo Jesus, mas visto com tonalidades diversas por cada autor : nos Evangelhos, o Cristo peregrino na terra, isto é, "o Filho do homem" dos Sinóticos, ou "a Palavra que se fêz carne", de S. João; nas Epístolas dos Apóstolos, o Cristo místico, o Cristo que continúa a viver na Igreja, como "o Mediador entre o céu e a terra" (Ep. aos Hebreus) ou "o Cristo em nós" da grande maioria das Epístolas de S. Paulo; no Apocalipse, finalmente, cujo cenário nos apresenta a história vitoriosa da Igreja até ao fim dos tempos, Cristo é principalmente "o Senhor do mundo", "o Pantocrator".

O 3.º capítulo, que tem por título : "Evangelho oral e Evangelho escrito", tece considerações a respeito das questões da origem, autenticidade e valor dos textos evangélicos. Particularmente oportuna é a apreciação crítica do chamado "método da história das formas", que, como se sabe, iniciado há alguns decênios pelos protestantes Dibellius e K.L. Schmidt, foi grandemente desenvolvido e propugnado por Bultmann. Mostra o A. como êsse método, apesar das contribuições que eventualmente prestou, para a classificação de certas unidades ou blocos literários, está radicalmente viciado por seu apriorismo filosófico, que, negando a possibilidade das intervenções do sôbrenatural, terá que forçosamente ser arbitrário no seu processo de "depuração" ou "desmitologização" das narrativas dos evangelhos. Uma filosofia "fechada", que de partida considera anti-científicos e mitos o sôbrenatural, o milagre, a encarnação, a ressurreição, ou chegará a uma figura de Jesus extremamente empobre-

cida e "inofensiva", à semelhança do jesuanismo liberal, ou chegará de vêz à conclusão do total ceticismo quanto à possibilidade de conhecermos, ainda que pàlidamente, a verdadeira fisionomia de Cristo, já que entre ela e nós medêia sempre a interpretação desvirtuadora da primitiva comunidade cristã.

Os capítulos 4, 5 e 6 tratam respectivamente de cada um dos três Sinóticos. O Evangelho de S. Mateus, de índole sistemática, o Evangelho da Igreja, aparece-nos com a característica de um "novo Pentateuco", onde Jesus é o "novo Moisés" a promulgar a Lei perfeita que consumou, isto é, realizou plenamente, a Lei do Sinai. O Ev. de S. Marcos é o das "palavras breves e dos feitos heróicos", onde, mais do que os sermões, sôbressáem os feitos portentosos do "Filho do homem". A espontaneidade de S. Marcos, porém, sua vivacidade no narrar, nos presentêiam com mais de um detalhe psicológico da mais alta valia para o conhecimento de Jesus. Em S. Lucas, Jesus é "o grande profeta que surgiu entre nós", o "novo Elias", cheio de misericórdia e mensageiro da salvação universal, que, ao ser arrebatado para os céus, nos deixou o seu Espírito.

Em todos êsses capítulos são examinadas as fontes, a estrutura e as características dos respectivos Evangelhos.

O 7.º é dedicado à famosa "questão sinótica", abordada sob o título sugestivo de "concórdia discordante": as desharmonias acidentais são aparentes e explicam-se pelo diferente estilo literário dos Sinóticos e em última análise depõem pela sinceridade dos hagiógrafos.

Os cap. 8 e 9 estudam aspectos vários do "Evangelho do teólogo", isto é, S. João. Cristo, o Logos, é fonte de luz e vida: eis o critério teológico que guiou o discípulo amado na seleção dos episódios e sermões de seu evangelho, no qual, sôbre os acontecimentos históricos, se desenha geralmente uma dimensão simbolista. A "luz" é figurada quase sempre pela "água", e a "vida" pelo "sangue". Assim, no desfêcho do Evangelho, a morte de Jesus confirma a tese do Prólogo: de Jesus manam a água e o sangue, isto é, do Logos, a luz e a vida. Quanto ao significado da expressão Logos, sugeriríamos que D. Estêvão lhe desse, numa futura edição, um desenvolvimento um pouco maiór, dado o ângulo primário em que ela manifestamente se sitúa na teologia joanéa.

O capítulo 10 ("A porta que se abre a quem bate") examina uma série de textos, dos 4 Evangelhos, que às vezes suscitam dificuldades ao leitor que, como aquele ministro da

rainha Candace, lê sem ter quem lhos explique... Assim a questão da dupla genealogia de Cristo, dos irmãos de Jesus, da virgindade de Maria após o parto, da estrêla dos magos, do matrimônio e divórcio, da razão de ser das parábolas, das "riquezas da iniquidade", etc. etc.

O capítulo 11 nos dá uma sucinta cronologia da vida de Jesus, seguida de sinopse ou concordância dos 4 Evangelhos.

Como se vê desta resumida análise, o livro de D. Estêvão é rico de informações e não precisamos encarecer sua utilidade se, como fizemos, simplesmente nos referimos à imensidade de tópicos que êle focaliza. Utilidade para o estudioso de Sagrada Escritura, que aí tem uma síntese de inestimável valor; utilidade para os pregadores e apolegetas. dado o caráter sólido e básico da obra; utilidade para o simples cristão que quer meditar com proveito sôbre os textos que são sua norma de vida e conhecer melhór a figura de Jesus.

Promete-nos D. Estêvão que se seguirão ainda dois volumes na mesma série : um de Introdução às Epistolas (e aos Atos) e outro, ao Apocalípse. Completar-se-á então a coleção iniciada em 1956 pelo "Para entender o Antigo Testamento" e nossa pequena literatura bíblico-teológica brasileira estará altamente enriquecida.

D.C.G.

L.J. Lebret — "DIMENSÕES DA CARIDADE"

Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1959.
trad. M. Conceição Goulart Pacheco

Trata-se de um pequeno livro de espiritualidade bem entrosado nas realidades terrenas e nas condições próprias do tempo em que vivemos, conforme a visão e experiência que de tudo isso tem o conhecido dominicano P. Lebret. São pequenos capítulos, 75 em cêrca de 200 páginas, de leitura agradável que aplicam uma noção sólida e clara da Caridade, em suas diversas dimensões, às realidades que nos cercam. A primeira parte focaliza a realidade divina, a dimensão da caridade é então infinita: "O amor de Deus não tem limites". A dimensão universal do amor fraterno é estudada na 2.ª parte, sendo que a 3.ª, 4.ª e 5.ª parte encaram as dimensões citadas, mais a dimensão histórica do desenvolvimento entre os homens do que lhes foi infundido ou esti-

mulado pela caridade. São páginas de meditação sôbre a virtude central e decisiva de tôda a cida cristã, nem sempre, entretanto, como tal encarada e vivida pelo cristão diante de Deus, do seu próximo, diante da humanidade e do mundo que o cerca.

Entre numerosos capítulos, todos interessantes, destacamos o que trata do desenvolvimento do sentido da caridade na criança em seu ambiente familiar e escolar (cap. 21), e o que define a realidade do mundo (cap. 48) onde se diz com senso realista que "O mundo apresenta-se como o pecado absorvido pelos grupos e tornado exigência coletiva; o materialismo dos ambientes, a sórdida avareza dos povos ricos, a traição dos economistas, o sofisma dos filósofos em moda.

Atrai-nos, penetra e vincula-nos à sua expansão. O principiante no aprendizado do amor generoso vê-se cercado por êle em tôdas as direções; só pode livrar-se unindo-se a Deus, no qual se dilata, na paixão pela humanidade a libertar e a salvar. O lutador, tenha, embora, já triunfado de seus egoismos maiores, corre sempre o risco de ser reconquistado por êle, tantas as vaidades que oferece e os compromissos que propõe. Ninguém, a não ser o santo escapa à sua influência corruptora" (p. 130). De fato, ser santo é vencer o mundo pela caridade e é o que nos quer ensinar o autor com suas meditações.

D.J.E.

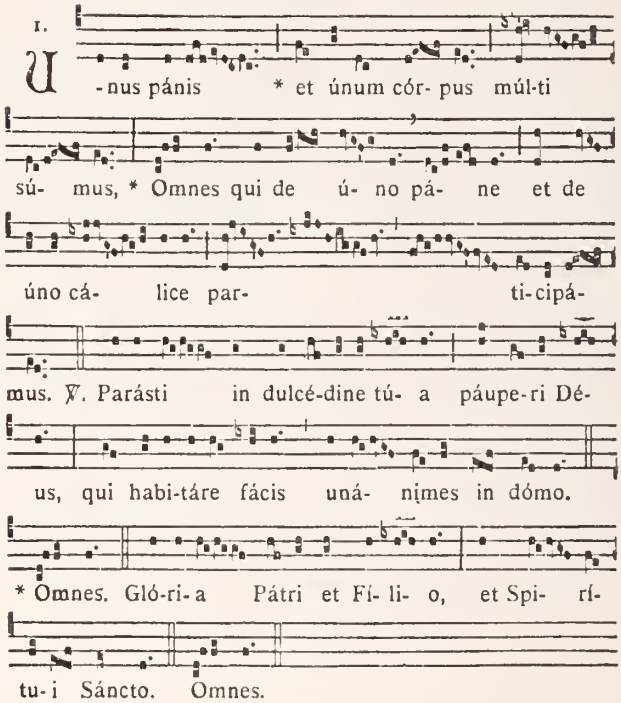
Para os que apreciam a música gregoriana

Não deixem de ouví-la, em sua melhor interpretação, freqüentemente apresentada como complemento dos seguintes programas de Rádio :

"Rádio Jornal do Brasil" diàriamente às 19 hs.

"Rádio Tupi", aos domingos às 7 hs.

"Rádio Rio de Janeiro", aos domingos às 19 hs.



★ ☆ ★

2.º LIVRO DE CANTO GREGORIANO

A venda no Instituto Pio X — Cr$ 150,00 (fora o porte: simples, registrado ou aéreo). 30% para as livrarias e os Seminários, a partir de 10 exemplares.

EDIÇÕES "LUMEN CHRISTI"

MOSTEIRO DE SÃO BENTO

C. P. 2666 — RIO DE JANEIRO

Aparecerá em julho, já podendo ser encomendado:

OREMOS COM A IGREJA

5.ª edição

Conteúdo: Ordinário da Missa dialogada — Ação de graças — Magnificat — Prima: oração da manhã — Completas: oração da noite — Confissão: exame de consciência — *PEQUENO KYRIAL GREGORIANO*: Asperges — Vidi aquam — 10 Missas em melodia gregoriana: I, IV, VIII, IX, X, XI XV, XVI, XVII XVIII, Credos I, III — Esquema do Ordinário da Missa.
Em formato de bolso, impresso a duas cores, 100 páginas. CrS 50,00.

Em depósito na "Lumen Chirsti" as seguintes obras:

PRÉCIS DE RYTHMIQUE GRÉGORIENNE, d'après les principes de Solesmes, par A. Le Guennant. 4 fascículos 400,00

KYRIALE ABRÉGÉ, contendo Asperges, as Missas I, II, III, IV, VIII, IX, X, XI, XVIII, Credo I, III, IV 48 páginas formato 30 x 23 150,00

ACCOMPAGNEMENT DU CHANT GRÉGORIEN, por H. Potiron. Ex. com 122 páginas em brochura 100,00

GRADUEL PAROISSIAL, por Henri Potiron, Acompanhamento das Missas dos Domingos e das principais Festas, em 3 volumes num total de 450 páginas em brochura 600,00

NOVA MISSA DA ASSUNÇÃO, gregoriana 10,00

CREDO I, II, III, IV em folhas separadas, cada uma 5,00

VÉSPERAS DOMINICAIS, latim-português, com notação, gregoriana figurada, especialmente para Colégios e Paróquias, 4.ª edição. Cartonado 30,00

TVS
PETRVS

For use in Library only

Princeton Theological Seminary Library

1 1012 01459 9205

For use in Library only